

09/07/2019

A “mão invisível” ou um crime organizado? Reflexões acerca dos ataques contra a vida e a saúde dos trabalhadores

René Mendes

[Médico e Professor. Diretor Científico da ABRASTT
(Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora)]

Como é bem conhecido, quem primeiro viu uma “mão invisível” por detrás da suposta perfeição do Liberalismo Econômico foi o ‘filósofo moralista’ Adam Smith (1723-1790) em sua primeira obra *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759), conceito aperfeiçoado por ele mesmo, na sua versão de ‘economista’, na obra clássica *Uma Investigação Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, publicada em 1776. Amigo de David Hume (1711-1776), Smith foi, também, por um tempo, discípulo de François Quesnay (1694-1774), o principal economista fisiocrata francês. Daí haver o entendimento que a *Riqueza das Nações* extraiu ideias dessas distintas fontes. Por certo, há grande influência do “individualismo possessivo” de Hobbes e Locke, que está na raiz do liberalismo econômico.

Acompanhando os fisiocratas franceses, *Riqueza das Nações* sustentava, também, que todos os poderes humanos estão sujeitos às leis naturais, morais e físicas imutáveis. Julgava-se que essas leis, de origem divina, oferecessem ao governo uma base para deixarem as coisas funcionarem de maneira normal (*laissez faire*), com resultados que satisfariam tanto os interesses individuais como os do Estado. Haveria uma deidade ‘projetista’, com planos e desígnios, que passou a ser denominada (e extensivamente aludida pela crítica) como “a mão invisível”, por extensão de seu ensaio sobre *A História da Astronomia*.

A *Riqueza das Nações* é considerada o primeiro tratado de Economia Política, cobrindo os mais diversos campos da disciplina, incluindo as teorias da produção, da distribuição e da tributação. Todos os fundamentos do liberalismo econômico encontram-se nesse tratado, onde o *mercado* é a grande referência de regulação, uma amostra ainda incipiente do que a força do *mercado* passaria a ser para o pensamento e prática neoliberais. Na ordem espontânea dos mercados, os preços seriam formados pela ação do auto interesse: demandantes de um lado, ofertantes de outro, convergindo para o seu nível ‘natural’. Um dos pontos de mais elevada ênfase na obra de Smith – que ocupa os três primeiros capítulos do Volume I – é a questão da “divisão do trabalho”, que, para ele, seria determinada pelo tamanho do mercado. Como extensão, a produtividade e a especialização, tendo como horizonte mercados cada vez maiores, até mercado mundial, baseado no livre comércio, numa antecipação do que viria a ser, mais tarde, o movente predominante da *globalização*.

Muito se tem especulado, pelo viés da Anatomia (?), sobre a natureza de quem sustenta a “mão invisível”, passando pelo punho, antebraço, braço, tronco, pescoço e, principalmente, a cabeça. Neste caso, não basta a especulação anatômica nem fisiológica, mas a “ideológica”... Parece que o enigma proposto por Smith partia de sua fé protestante calvinista, que via no Deus cristão a “pessoa” do Grande Arquiteto do Universo, conceito que transcende religiões e filosofias, com destaque para a Maçonaria.

Na evolução do Liberalismo Econômico para o que tem sido denominado “neoliberalismo”, percebe-se que, cada vez mais, a “entidade” que estaria por detrás da “mão invisível” seria o “*deus mercado*”. Ressalte-se, então, que, num mundo globalizado, mais do que uma doutrina econômica, o ‘neoliberalismo’ deveria ser entendido como uma fase do desenvolvimento do capitalismo, que impõe uma forma de compreender o mundo e organizar a sociedade, baseada no mercado.

É um modelo de pensamento, uma forma de conceber o mundo, a sociedade e distribuição de bens e as relações entre as nações. O paradigma econômico dos sombrios tempos atuais, baseado em alguns grandes princípios: o fundamentalismo do mercado, que exalta a livre movimentação do capital, a liberdade de comércio e o livre fluxo dos fatores de produção, exceto a força de trabalho, que continua submetida a múltiplas e variadas restrições; flexibilização e desregulamentação do mercado de trabalho, com grande impacto sobre a vida e saúde dos trabalhadores.

Como afirma o companheiro Oscar Feo: “*com o neoliberalismo, a saúde dos trabalhadores passa de direito social a espaço para o lucro e o investimento privado, abrindo a possibilidade de manejo por parte do capital financeiro, de grandes massas de dinheiro, antes reservadas aos Estados nacionais. O mercado da saúde converte-se em um dos mais atraentes e rentáveis negócios*”. Enfim, as políticas neoliberais deterioram a qualidade de vida e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras, já que afetam diretamente suas condições de trabalho, geram desemprego, alteram as relações de trabalho, e a flexibilização e precarização do trabalho, e a sobre-exploração da mulher e das crianças - complementa Oscar Feo.

A mão invisível

Extraído do site

2018107MONTYOABRYAN
<https://sites.google.com/site/2018107montoyabrya>
[n/0-economia-2018/1-2-mano-invisible](https://sites.google.com/site/2018107montoyabrya/n/0-economia-2018/1-2-mano-invisible)



<p>Como se não bastasse a perplexidade ante o grave tempo presente, o tempo futuro, no que se refere à “classe dos que vivem do seu trabalho” (Ricardo Antunes), mostra-se ainda mais sombrio e preocupante, ainda que esta linha divisória seja virtual, pois muito do futuro já impregna o presente... Aliás, todos os prognósticos acadêmicos ou de entidades vinculadas ao mundo empresarial e econômico apontam para as assim chamadas inovações tecnológicas, organizacionais e de gestão do trabalho, como sinônimo de eliminação de postos de trabalho, principalmente para grandes parcelas de pessoas que vivem de seu trabalho, isto é, as mais numerosas e as mais vulneráveis. Assim, termino, perguntando - como fiz no título desta Coluna - se isso que está acontecendo no Brasil (e em outros países e regiões do mundo) seria resultante da “Mão Invisível” (vista por Adam Smith) ou de um “Crime Organizado”?</p>	<p>Sou inclinado a pensar que existem interfaces entre eles, e que os grandes malfeitos que ora estão sendo perpetrados contra a vida e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras mais se parecem, pela sua astúcia, crueldade, e ousadia, a uma agenda do “consenso do mal”, que adoradores e obreiros do <i>deus mercado</i> pautaram, nas tenebrosas reuniões do crime organizado neoliberal, realizadas em Brasília, Washington, Londres, Davos e em outras cidadelas fortificadas pela truculência sem dó e piedade, visíveis e invisíveis. Abram os olhos para podermos mirar com mais foco e discernimento as metamorfoses, os disfarces e as epifanias atuais da “mão invisível”... ■■■</p> <p>Citações</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ FENDT, Roberto. Smith, Adam (1723-1790). In: Dicionário de filosofia política. Coordenador: Vicente de Paula Barreto. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010. p. 478-481. ■ FEO, Oscar. Neoliberalismo e a Saúde dos Trabalhadores. In: MENDES, René (Org.). Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: Conceitos – Definições – História – Cultura. Novo Hamburgo: Proteção Publicações, 2018. p.796-797.
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	